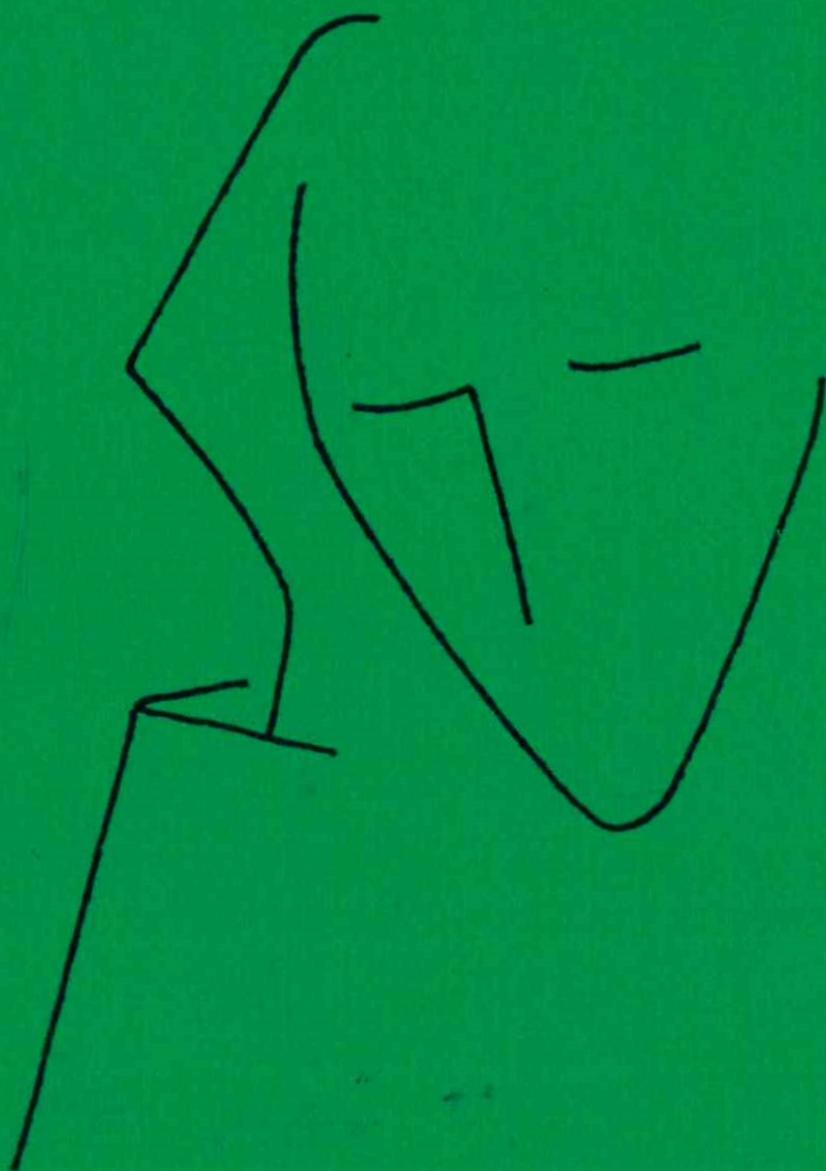


HORAS DE RECREIO

ESPIRITUAL



artur basto
(pena de sousa)



.3-1Basto,Al

CURRICULUM

Algumas das actividades que
exerceu o autor

Vice-Presidente do Gil Vicente
Futebol Clube.

Presidente e Fundador da Ordem
de S. Domingos.

Secretário e Fundador da Conferên-
cia de S. Vicente de Paulo.

Director da Assembleia Barcelense.

Fundador e 1.º presidente da Direc-
ção do Académico Barcelos Clube
(A. B. C.).

Vogal do Conselho Municipal.

Vereador-substituto da Câmara Mu-
nicipal de Barcelos.

Vogal da Corporação do Comércio.

Agraciado com a Medalha de Mérito
do Trabalho.

Fundador, proprietário e administra-
dor do «Jornal de Barcelos».

Fundador do Atlético Clube do Porto.

Fundador da Cooperativa «A Nossa
Vivenda».

Presidente da Comissão das Festas



ERRATA

Na página 78, a 1.^a quadra deve ler-se:

Liberdade, Liberdade,
Quem a tem saiba estimá-la.
Casei — **perdi-a** p'ra sempre —
Nunca mais posso encontrá-la.

Capa de

Dr. Artur José Queirós de Sousa Basto

EXPLICAÇÃO

É preciso contar a história deste livro, para que os leitores entendam a razão da sua publicação.

Depois da morte de meus pais, era necessário que os sete irmãos agora órfãos e espalhados por terras diferentes, se continuassem a encontrar, pelo menos na quadra do Natal, época aliás em que todos nos juntávamos anualmente.

E assim tem acontecido, em casa de cada um de nós.

Este ano fui eu a receber. E como lembrança a distribuir por todos os presentes, mandei para o prelo estes pobres ensaios tirados do meu « Diário », que são coisas muito minhas e muito pessoais e que só os meus familiares as entendem bem, porque foi especialmente para eles que eu as escrevi.

Os meus pais que assistem em espírito a todas estas reuniões, tenho a certeza que gostam deste amor que nós cultivamos entre a Família.

Disto não tenho eu dúvidas.

Biblioteca
Municipal de Parach,
Oficina

HORAS DE RECREIO ESPIRITUAL

Parach, Lezumbro, 1994.
Antonio
(Pena de Pena)

ARTUR BASTO
(Pena de Sousa)

H O R A S D E R E C R E I O
E S P I R I T U A L



*Barcelos
P.M.*

1975

55099

APRESENTAÇÃO

CABE-ME a obrigação de escrever aqui algumas palavras. Singelas e simples. Tão singelas e tão simples como singelo e simples sou eu próprio.

Graças a Deus que nos encontramos outra vez reunidos e o que é mais importante, todos *unidos e amigos*.

Nunca a palavra « fraternidade » teve o seu lugar tão bem assente como neste admirável exemplo que damos todos os anos. Oxalá Deus nos conceda estes encontros ainda por muito tempo, no mesmo ambiente são, alegre e festivo.

Eu julgo — aliás foi a razão destas reuniões — que é desta maneira que podemos prestar a melhor homenagem aos nossos queridos e saudosos pais, que Deus quis chamar para junto de Si. E eu aproveito este convívio cheio de calor humano para pedir que elevemos ao Céu uma oração, mesmo mentalmente, dirigida àqueles que à sua

boa maneira cristã souberam educar-nos dentro deste princípio de amizade, de caridade e de amor, sem os quais a Vida não teria qualquer sentido real e positivo. Se não fora assim, não estaríamos hoje a recordar os nossos pais e a derramar uma lágrima de profunda saudade em sua memória.

Que Deus ouça a sinceridade destas humildes palavras e nos ajude a todos.

Artur Vieira de Sousa Basto

Barcelos, Fevereiro de 1975.

ABERTURA

§ IMPLESMENTE uma palavra para justificar a razão deste livro de versos elaborado nas minhas horas vagas e ao qual dei o título de « Horas de recreio espiritual ».

É uma colectânea de alguns versos dispersos que reuni para prazer dos meus momentos de ócio, pretendendo com isto dar uma pálida ideia de que o Homem pode, apesar de tudo, empregar o tempo vago ao serviço do intellecto.

E se isto constituir exemplo para os meus filhos, pela perseverança de quem a despeito do trabalho árduo do dia-a-dia ainda conseguiu algum espaço livre para recreação do espírito, então valeu a pena.

1975

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.

Rui Barbosa

(Grande político do Brasil)

Se o homem para se sentir totalmente realizado tem que

Ter filhos,
plantar uma árvore
e publicar um livro,

então **Cumpri.**

A minha querida mulher, companheira inseparável de tantos anos e que me proporcionou o doce ambiente para eu poder gozar estas horas de lazer espiritual.

Aos meus estremecidos filhos, herdeiros destes pobres versos que traduzem um temperamento muito pessoal, dedico como homenagem do sentido que sempre tiveram pelo culto da Família.

Aos meus carinhosos netinhos, a quem deixo aqui expressa a eterna lembrança dum longo e afectuoso beijo.



Aos meus saudosos Pais que o Senhor guarda
no Seu Reino da Verdade e do Amor.



Aos meus irmãos,
Sobrinhos,
Amigos,
conhecidos e desconhecidos,
a todos quantos ainda acreditam na Caridade
e na Justiça.



Aos meus avós.

Aos meus sogros,
cunhados
e a todos os parentes afins.

HORAS DE RECREIO
ESPIRITUAL

LÊ-DE COM ATENÇÃO ESTES MEUS VERSOS
E PEÇO CARIDADE, POR FAVOR.
SOU POBREZINHO EM TUDO, ATÉ NA MUSA,
CONFESSO QUE NÃO SEI FAZER MELHOR.

I

SONETOS

SEM NOME

Olhei p'ra o Mar profundo, tenebroso,
Frenético, medonho, colossal,
E neste emaranhar impetuoso
Eu vi o nosso amor rude, brutal.

Senti-me então selvagem, furioso,
Estúpido, feroz. E sensual
Eu pude conceber o maior gozo
Vivido entre **Mar e Areal**.

Naquela imensidão feita de areia,
Naquela imensidão feita de mar,
Naquela imensidão feita de cor,

Eu vi a imensidão do nosso Amor!

Barcelos, 1950

D E S E S P E R O

As nuvens estão tão negras, carregadas,
Não está chuva nem sol, calor nem frio,
Apetece-me rir às gargalhadas
E sinto-me tão triste que arrepio!...

Meu peito bate em convulsões pesadas,
Contudo ao mesmo tempo eu choro e rio.
Sinto de luto a alma, as mãos crispadas,
De todos e de mim eu desconfio.

Tenho vivido em luta permanente.
Adivinho que a Morte, lentamente,
Vem arrancar-me a Vida triste e fria!

Eis aqui minha sina tresloucada!
— Uma alma que fora retalhada —
Pela doce paixão que tive um dia.

Barcelos, 1950

lll

O S I N O

Na tua magistral, forte canção,
Tão triste, assim tão triste e tão dolente,
Porque não mudas essa entoação
Tão triste, assim tão triste e tão plangente?

Como se me contrista o coração
Mal ouve o teu gemer tão tristemente!
Que horrível, que maldita essa oração
Que rezas num bater constantemente.

Eu fujo quando ouço a tua voz,
Não quero ouvir teus males e teus dós
Nas tuas badaladas sinistras!

Oh, por favor perdoa esta agonia!
Mas vens lembrar-me quem perdi um dia...
Pois ouço em tua música os seus ais!

Barcelos, 1950

eee

FARRAPOS HUMANOS

Corpos sem alma! Corações sem Vida!
Peitos sangrando atroz num sofrimento!
Mulheres de vida fácil e perdida
Que vendem suas carnes num momento!

Matéria, pus e sangue, chaga e f'rida,
Miséria, nojo, lodo, aviltamento!
Sociedade infecta, corrompida,
Farrapos vivos, almas sem alento!

Ainda há quem diga ser a Vida bela!
Canalhas! Miseráveis! Vós ris d'Ela!
Não lhe sentis a dor tremenda e forte!

Não vedes a ralé triste e sombria
— Pedacos d'alma esfarrapada e fria —
Que espera pela Vida, com a Morte!

Barcelos, 1950



CARITAS PORTUGUESA

Quantas crianças pelo Mundo fora
Sentem o teu carinho maternal,
Quantos órfãos que o luto ainda chora
Tiveram novos Pais em Portugal.

Rendem-te Gratidão, Povos, agora
Num gesto agradecido, fraternal,
Pela hospitalidade acolhedora
E a tua Caridade Universal.

Tornaste ainda mais bela a nossa História
— Que a tem já tão coberta de Glória —
Unindo no mesmo amor tantas Nações,

Que são muitos milhares hoje de Vidas
Que rezam suas preces comovidas
E guardam Portugal nos corações!

Barcelos, 1950

lll

C I G A N O S

*(Ao meu querido amigo Padre Alberto
da Rocha Martins, Ilustre Professor
e Homem de Letras).*

Nós somos doutra espécie. Olhai p'ra isto,
Dormimos ao relento c'os garranos!
Só para a « nossa » gente somos quistos
Que a « outra » gente não nos julga humanos!

E pregam a Igualdade a olhos vistos
E mentem-nos há mil e tantos anos
E vão a Roma a pé e adoram Cristo,
Mas não há caridade p'ra os ciganos!

Então não temos alma, ouvido, tacto?
— Pois quero ser assim. Cigano nato
E rir-me e escarnecer com ironia.

Quero cuspir na falsa Humanidade!
Quero rasgar as letras Ca-ri-da-de
E toda e mais alguma vilania!

Barcelos, 1951

lll

A MEUS FILHOS

Quando um dia meus Filhos saibam ler
E vejam entre a minha papelada
Os meus versos que eu fiz transparecer
À luz duma Verdade consumada.

Quando um dia meus Filhos possam ver
As misérias da Vida depravada,
Acabarão vencidos por dizer
Que o meio social é uma « cambada ».

Há a mentira no Povo e nos Salões
— Sociedade feita de intrujões —
Sem palavra, sem Fé, sem coração.

Mas que vergonha eu ser Hu-ma-ni-da-de!
E porque não me chamam Cru-el-da-de
E porque não me chamam — vil poltrão?!...

Barcelos, 1950

lll

ÁRVORE DE NATAL

(Dedicado às crianças pobres de todo o Mundo)

Cheínha de brinquedos e de prendas
Com velas de mil cores a alumiá-la,
E bonecos de punhos e de rendas
Com trajos a rigor de grande gala

A lembrar sonhos mil, contos e lendas,
Ficou assim a pobrezinha a olhá-la.
Pois nem sequer faltavam com as tendas
Soldadinhos dispersos pela sala!

E julgas meu amor que sofres tanto!
Sossega que tu gozas doutro encanto
Que nem te pagam prendas nem Natais!

Tal dona de brinquedos delicados
Só convive e só brinca com criados,
Mas tu tens o amor duns « ricos » pais!

Barcelos, 1953

lll

F Á T I M A

Fátima — Altar-Maior da Terra e Céus
Berço de Fé, Esp'rança e Caridade,
Onde Bispos e Nobres e plebéus
Se rendem a tamanha Majestade!

Fátima — Mãe dos Homens e de Deus
Modelo de pureza e virgindade,
Todos os Povos são vassallos Teus
Ó Rainha de toda a Humanidade.

Reinai p'ra sempre em nossos corações!
Que haja o Vosso amor entre as Nações
E o Mundo terá Paz se Tu quiseres.

Salvai os Povos com afecto igual
Eterna Padroeira Universal!
(Bendita sejas Tu entre as Mulheres!)

Barcelos, 1954

lll

V A I D A D E

Disseram-te a brincar que eras formosa
E outros galanteios — que pavor!
Pintaram-te castelos cor de rosa
E tu julgaste que era tudo amor!

Cresceste de vaidade e radiosa
Subiste a um pedestal de sonho e cor,
Quando afinal tu tens, minha vaidosa,
Apenas um corpinho com valor.

Julgas calcar os Homens — que ilusão! —
São vaidades, meu pobre coração,
Prosápias de mulheres sentimentais!

Mas olha p'ra o espelho e não te rales.
Porque afinal de contas pouco vales,
Só tens orgulho, orgulho e nada mais.

Barcelos, 1954

lll

À SOCIEDADE

Espero que me saibas responder
Porque não posso ir ao teu festim.
Pois eu julgo-me um Homem a valer
E nunca ninguém fez troça de mim.

Eu não sou um doente de empecer
E nunca em qualquer parte fiz chinfrim.
Não sou um cadastrado de temer
Mas sou Homem honrado, isso sim!

Não tenho um diploma de dinheiro
Que faz ser « elegante » um carroceiro
Ou exhibir comendas um ladrão !

Não mandas teu convite concerteza
Porque a honra não come à tua mesa.
(Mas antes teu desdém, a ser vilão !)

Barcelos, 1955

lll

A G O N I A

Eu já não posso mais ; quero morrer.
Eu já não posso mais ; quero o meu fim.
Eu nem posso sequer compreender
Qual o castigo porque soffro assim.

Eu ando já tão farto de soffrer,
Que a vida já não conta para mim.
Eu não sei porque Deus foi escolher
Um soffrimento tão longo e tão ruim.

Neste leito de dor, de luto e Morte,
Estou abandonado à Tua sorte
Que julgo por momentos que enlouqueço!

Ó meu Senhor não me tortures mais!
Pois se sou o pior dos teus mortais,
Não tentes dar-me o Céu. — Eu não mereço. —

Barcelos, 1974

lll

EM DIA DE ANOS

Parabéns meu amor te mando eu,
Tu não sabes sequer quem t'os envia.
Tenho raiva de quem te « conheceu »
Pois não me sais do pensamento um dia.

Tu não pensas em mim e eu sou tão teu,
Amo-te tanto que por ti morria.
Esquece essa ilusão que pereceu
Vem ter comigo, mesmo triste e fria!

Não tens crença nos homens, tens razão,
Mataram o teu pobre coração
E vives sem desejo nem sabor.

Ouve meu bem, acorda, e um despertar
Pode ser Vida nova a começar
À qual tu tens direito meu Amor.

Barcelos, 1943

lll

I M P R O V I S O

Numa aula de francês encontrei escondido no meu livro um desenho anónimo, colocado por mão feminina. Durante a aula improvisei este soneto, oferecendo-o à colega de quem suspeitava ser a autora.

Não importa saber o seu autor,
Mas o « croquis » não tem qualquer defeito.
Pois a obra tem arte e tem valor
E no aspecto técnico é perfeito.

O seu tema é profundo e sonhador,
Não vi desenho igual com tanto jeito!
Quem pinta assim com alma — é criador, —
E nisto é que reside o seu efeito.

Desenhado por mãos — sei lá de quem?! —
Seriam de Mulher? Ainda bem!!...
Ou foram duma Santa? Ou dum ateu?

...A modéstia porém da sua autora
Não assinou. Porquê minha Senhora?
Não vê qu'inda pode ir para um Museu?

Porto, 1929

lll

NÃO TEMAS A DESDITA — TEM CORAGEM,
O MUNDO NÃO FOI FEITO P'RA PARAR.
À VIRTUDE TU RENDE VASSALAGEM,
À IGNOMÍNIA TU PODES ESCARRAR.

II

QUADRAS SOLTAS



Eu sou Grande na Desdita,
Muito Maior na Desgraça.
Senão lê-de os versos meus,
Algo comigo se passa.

Fazer anos é ter Vida
E seria até prazer,
Se não fosse a circunstância
De termos que envelhecer

« Tristezas não pagam dívidas »,
Não tem razão quem o diz.
Eu paguei com a tristeza
Todas as contas que fiz.

« Amor com amor se paga »
Pode ser, mas não está bem.
Eu amei uma mulher
E pagou-me com desdém.

Nunca vi tanto veneno
Nem língua tão depravada.
Com tantas telhas de vidro
Mais valia 'stares calada.

Se for verdade a expressão
De quanto tens quanto vales,
Tenho um « grande » coração
E as « riquezas » são os meus males.

Quem canta seus males espanta,
Quem dera que fosse assim.
Só eu canto tantas vezes
É a tristeza fica em mim.

Vou comprar uma guitarra,
Hei-de aprender a tocar,
P'ra te fazer serenatas
Quando à noite houver luar.

Vou mudar de profissão
E dedicar-me a escultor,
Para poder ver posar
O corpo do meu amor.

Isso que dizes de ti
São bazófias de mulher.
Água benta e presunção
Cada qual toma a que quer.

Quis um dia ser alegre,
Lancei ao ar a tristeza.
Não surtiu qualquer efeito,
Continuei à dor presa.

Tem tanta luz os teus olhos
Tanto brilho que até ferem,
Que tenho medo que vejam
O muito que os meus te querem.

Podes dizer mal de mim,
Qu'eu levo tudo a brincar.
Olha o que diz o ditado
— Quem desdenha quer comprar. —

Dizes mal de toda a gente,
Minha agoirenta coruja,
Que não há água que lave
A tua língua tão suja.

Os anos por ti não passam,
Consegues o mesmo encanto,
A não ser que os olhos meus
Me enganem por te amar tanto.

Liberdade, Liberdade,
Quem a tem saiba estimá-la.
Casei — perdiá p'ra sempre —
Nunca mais posso encontrá-la.

Desfolhei um mal-me-quer
Numa noite de luar.
Desfolhei outro, mais outro,
Em todos eu tive azar.

Hei-de ter um cofre forte
E fechá-lo para sempre,
P'ra esconder o meu amor
Aos olhos de toda a gente.

Quem se ri da prostituta,
Escarnece da desgraça.
Quantas vezes mata a fome
C'o primeiro homem que passa.

Desfolhei um mal-me-quer
Saía-me sempre o « sim »,
Quando afinal eu sei bem
Que já não gostas de mim.

Porque sou mulher casada,
Evitei jamais te ver.
Mas tu saíste ao caminho
E fizeste-me perder.

O meu rosário velhinho
Já 'stá gasto pelo tempo.
Foi minha avó que m'o deu
No dia do casamento.

Deixa lá falar quem fala
Não ligués ao seu desdém.
Cada qual sabe o que vale
Cada um sabe o que tem.

Não rias da desgraçada,
A vida é feita d'enganos.
Repara que qualquer nódoa
Pode cair em bons panos.

Não digas mal de ninguém,
Acaba c'ó murmurar.
Outros pagaram c'ó a língua
Por cuspirem para o ar.

A O S. JOÃO

Pus-me uma noite a pensar
Neste frémido desejo.
De podermos apagar
Os balões, ao dar um beijo.

Tive tantas namoradas
Que nem sei a conta exacta.
Se as tivesse bem contadas
Já fazia uma cascata.

Não sei porquê, ó meu Deus,
São coisas que não percebo.
S. João morar no Céu,
Se tem na terra o folgado.

Teus olhos — repara bem,
Já perderam o brilhar.
Foi tanta a luz dos balões,
Que os fez embaciar.



QUEM TEM FILHOS TEM CADILHOS,
É O RIFÃO QUE O DIZ.
MAS EU TENHO SETE FILHOS,
CADA VEZ SOU MAIS FELIZ.

III

(Interdito a menores de 12 anos)



O homem é o único animal que
cora. Ou que tem essa necessidade.

(Mark Twain)

Tens montanhas de vaidade,
Já ninguém pode contigo.
Montanhas, que saiba eu,
Só abaixo do umbigo.

Fui consultar um doutor,
Andava curvado e obeso,
Receitou-me uma mulher
P'ra ficar mais magro e teso.

Nosso filho é pequenino,
Cabe dentro numa mão.
Foi fruto dum grande amor
Numa noite de Verão.

Tu podes correr comigo,
Não me faz qualquer transtorno.
O que se passa contigo
Não é mais que dor de corno.

Eu abri a tua porta
(servi-me de chaves falsas)
No momento em que tu'estavas
A despir as tuas calças.

Pus os cornos ao meu homem
Quando algures estive contigo,
Depois jamais apareceste,
Tive assim o meu castigo.

Deixa o teu homem, mulher,
Não passa dum peso morto.
Eu posso dar mais prazer
Aos desejos do teu corpo.

Quando tentei possuir-te
Tu deste-me a perceber,
Qu'antecipaste com outro
O qu'eu devia fazer.

Meu amor é cavaleiro
Usa esporas p'ra picar.
Para mim não são precisas
Porqu'eu sei colaborar...

Dei-te um beijo, dei-te dois,
Não te vi qualquer protesto,
De tal forma te beijei
Que depois se fez o resto ..

Tu não discutas comigo,
Já não quero ouvir mais nada.
Sou homem todo inteirinho
E tu és « loiça rachada ».

Senta-te aqui no regaço
Como tens feito outras vezes.
O fruto do teu pecado
Vem depressa — em nove meses. —

Vou pedir a tua mão,
Prometo serei tão lesto,
Que nem espero p'la boda
P'ra depois pedir-te o resto.

Não me beijes dessa forma,
Tem maneiras p'ra o fazer.
Um homem não é de pau
Tudo pode acontecer...

Tens um bichinho entre as pernas
Que não o dás a ninguém.
Se m'ó quiseres entregar
Garanto que o trato bem.

Sempre que atendo a leiteira
Não sei que se passa, enfim,
Não recebo o leite dela,
Recebe-o ela de mim.

P'ra que quero os três vinténs,
Se a moeda está em desuso?
Mas se o teu dote é só esse,
Confesso que é um abuso!

Tens um cofre mealheiro
Escondido em tal lugar,
Por causa de três vinténs
Eu tive que o arrombar.

Julguei-te mais abastada,
Vieste sem dinheirinho.
Pois até os três vinténs
Os deixaste p'lo caminho...

HOMENAGEM À BELEZA
DA MULHER

Esses teus seios, cachopa,
Devem ser apetecidos.
Senão não era razão
P'ra os trazeres tão escondidos.

Tens dois balões escondidos,
Não precisas dizer onde.
Quem me dera ser o pano
Do corpete que os esconde!

Que lindos peitos tu tens,
Que bonitos eles são.
Parecem dois balõezinhos
Em noite de S. João.

Encontrei-te distraída,
Mexi no teu « soutien ».
Apanhei duas bolinhas
Na palma da minha mão.

Eu não vendo os meus marmelos,
Toda a gente m'os recusa.
Eu bem sei os que queriam
Mas estão dentro da blusa...

Guardo sempre as tuas cartas
No peito, p'rás esconder.
Faço isto tantas vezes
Que os seios já sabem ler.

Basta mexer-te no peito,
P'ra te sentires perturbada.
Bem leio os teus pensamentos
Mas prefiro ver-te honrada.

Tira as mãos da « marmelada »,
Não és tu que vais prová-la.
Vou dá-la ao meu namorado
Que sabe saboreá-la.

IV

CONFIDÊNCIAS

TENS VERGONHA DE SERES TÃO PEQUENINA
E JULGAS-TE POR TODOS ESQUECIDA.
— TU NÃO VÊS O TAMANHO DA SARDINHA
E NO ENTANTO É TÃO APETECIDA...

DIÁLOGO

Quando as águas se encontraram
A do rio era tão doce,
Que a do Mar lhe segredou
— Quem dera a minha assim fosse!

Mas o rio, gentilmente,
Em resposta improvisada,
Disse: — tu achas-me doce
Por teres a boca salgada...

Barcelos, 1973

INOCÊNCIA

É bonito o meu espelho
Porque mostra o meu corpito.
Quanto mais me vou despindo
O meu corpo é mais bonito.

Ando há muito a cogitar
E digo de mim p'ra mim.
— Como serão os rapazes
Quando se põem assim?

Barcelos, 1975

INTERDITO

O frade pediu à freira
Um beijinho fraternal.
Mas depois desse beijinho
Veio outro sensual.

A freira corou, gostou,
Dos beijos dados p'la grade.
E agora só se confessa
Ao mariola do frade.

Barcelos, 1975

ÍDÍLIO

Diz a menina ao menino
Na sua linda candura :
— Porque não és como eu,
Trazes isso à dependura ?

O menino olhou, olhou,
Fez esta observação :
Talvez tenha isto a mais
P'ra tapar o teu rasgão...

Barcelos, 1975

A B S O L V I Ç Ã O

Fui confessar minhas faltas
Possuída de tal medo,
Que o Prior percebeu logo
Qual seria o meu segredo...

Então em voz paternal
Sossegou-me a consciência
E disse: — não tens pecado
Para qualquer penitência.

Barcelos, 1973

REVOLTA

Quando quero falar sem ter perigo
De passar uns dias na prisão,
Quando quero à vontade estar comigo
E abrir de par em par o coração,

Quando quero falar sem ser ouvido
Por polícias de riste e cinturão,
Procuro no Deus Baco, meu amigo,
A Sua Paternal Libertação.

Barcelos, 1950

V

POEMAS



NÃO JULGUES QUE ÉS TÃO FEIA COMO DIZES,
O FEIO TAMBÉM TEM O LADO BELO.
ÀS VEZES UM CASEBRE MUITO HUMILDE
TEM MUITO MAIS ENCANTO QUE UM CASTELO.



S O N H O

As crianças sujas
que brincam no Parque,
(através dos seus olhitos de fogo)
olham,
miram
e remiram
as bonecas,
as bolas
e os patins das meninas ricas.
Os seus olhitos
curiosos,
penosos,
ansiosos,
lamentam-se por não poderem brincar
com os brinquedos das meninas ricas.
Ficam de lado,
separadas,
como se no mesmo Parque,
de grandes arvoredos,
com lagos

e flores,
houvesse uma espécie de separação racial.
Racial!
Aqui é que está o erro,
o crime,
a ignorância,
a maldade!
Racial!
Ó meu Deus!
— Mas os homens fazem revoluções,
Implantam a Liberdade,
A igualdade,
A fraternidade
e contudo no mesmo Parque
de árvores frondosas,
de flores exóticas,
de lagos de águas mansas,
as meninas pobres brincam separadas das meninas
ricas,
só pelo crime
de serem pobres?!
Mas Deus amou a humanidade
Sem distinção de raças,
de classes
e de hierarquias...
Deus amou os homens
E pregou a Igualdade...

FRATERNIDADE

Sonhei um Mundo diferente,
Onde toda a gente,
De mãos dadas,
Se beija e afaga,
Se abraça e aperta,
Se dá,
Se oferece,
Sem atropelos
Nem empurrões,
A comunicar,
A balbuciar palavras
De carinho,
De caridade
e de Amor.
A proclamar aos Mares,
À Terra,
Ao Mundo inteiro ;

Bem haja o Senhor
Meu Deus
Que fez do Homem
A Obra Imortal
mais maravilhosa,
mais sublime,
mais sagrada
e mais digna
de todas as Obras!
Bendito o Homem
feito à imagem e semelhança
de Jesus!



SER POETA

Ser poeta é amar a Natureza,
os animais,
as flores,
é amar a humanidade,
o Feio e o Belo,
O Pigméu e o Gigante.

Ser poeta
é amar todas as coisas,
o que é bom e o que é mau,
o que tem vida e o que não tem.

Ser poeta é sobretudo amar a Deus Nosso Senhor,
Porque está n'Ele
a mais bonita,
a mais adorável,
a mais encantadora de todas as poesias!

Barcelos, Março de 1975

MIRADOURO

Eu vejo
crianças na minha rua,
Despidas,
Semi-nuas,
ao frio,
ao vento,
a tiritar.

Eu vejo
crianças na minha rua,
Esquálidas, doentes,
sem cor nas faces,
a cair de fome.
E estas crianças
São de carne.
São iguais a tantas outras
que têm enxovais quentinhos
e pão

e doces
e rebuçados
e chocolates
e até têm brinquedos
que sustentavam
e agasalhavam
as crianças vizinhas
que têm fome
e frio!

Eu vejo na minha rua
estas crianças
que apesar de esquelidas,
de famintas,
de pobres,
de rotas e de sujas,
são no entanto lindas!
Lindas! Lindas!

Barcelos, 1975

lll

NEM TUDO É MAU

A criança pobre
queria brincar com a boneca da menina rica.
Mas a menina-bem,
Invejosa,
maldosa,
feia,
feia como a maldade,
como a inveja,
como a má-acção,
não deixou a criança pobre brincar.
Mas não são assim todas as crianças ricas.
Eu conheço uma
que brinca
com as crianças pobres,
mesmo sujas
e rotas.
Conheço crianças ricas,

que apesar de ricas
e de opulentas
e de sóbrias,
também brincam com as crianças pobres.
As crianças ricas não são todas iguais,
nem todas invejosas,
nem todas feias.
Há meninas ricas
e há meninas ricas...

lll

É T R E T A

Se fosse rico,
Fazia como toda a gente.
Gozava e gastava em meu proveito.
Isto de dizer
que distribuía a riqueza
pelos pobres,
é treta!

Porto, 1975

VI

COLABORAÇÃO

DEUS C'UM SOPRO, DO BARRO FEZ O HOMEM
E DA COSTELA DESTE, A COMPANHEIRA.
POR ISSO A FAMÍLIA É SANTUÁRIO
QUE DEVES VENERÁ-LA A VIDA INTEIRA.

TERNURA

O meu filho Rui — com oito anos de idade — pediu-me para colaborar neste livrinho ao que lhe respondi que improvisasse algo.

Acto contínuo, escreveu esta bela e enternecedora poesia.



Foi meu Pai que estes versos fez,
Só Deus o ajudou.
Aqui deixo um beijo, ou dois,
ou três,
É tudo o que lhe dou.

E MAIS TARDE...

Ainda do meu filho Rui, mas agora um homenzinho
com doze anos de idade.

Lágrimas brilhantes
De noite, ao luar,
Lágrimas rolantes
Com sabor a mar,
Lágrimas escapadas,
Chorando por ti,
Lágrimas não odiadas,
Lágrimas esbranquiçadas
Saídas
de ti.
Lágrimas amigas
Nas faces escorridas
Em águas choradas,
Lágrimas atiradas

As solo, de vós,
Lágrimas cansadas,
Lágrimas salgadas,
Expulsas, brotadas,
Lágrimas de amor,
Vivas, libertadas,
Caindo com fervor
Nas faces douradas
Sentindo-se sós.
Lágrimas lembradas,
Debandadas,
Lágrimas guardadas
Qual doce tesouro,
— São lágrimas amadas,
São lágrimas de ouro, . . .



Também a minha netinha Maria de Fátima Vieira, deixa bem vincado o seu temperamento de poetisa subtil e sentimental de largo futuro, com a sua preciosa colaboração que veio enriquecer estas «HORAS DE RECREIO ESPIRITUAL».

No mar azul
Sob os reflexos do Sol
Navega um barquito,
Triste e só.
E um pouco pensativo,
Navega um barquito
Na imensidão do Mar.

Póvoa de Varzim — 1974.

E MAIS AINDA...

HISTÓRIA DUMA SEMENTE

Um dia uma semente
Foi lançada à terra descuidadamente
E nela penetrou.
Cheia de medo, na escuridão,
Chorava a sua desdita
Mas o choro era em vão.
A chuva ouviu-a e disse para a consolar:
— Não chores linda semente,
Um dia tu brotarás.
O Sol ouviu-a e disse:
— Não chores linda semente,
Um dia tu brotarás
E sob os meus raios rirás.

As amigas ouviram e disseram :

— Não chores linda semente

Um dia tu brotarás,

E como nós serás.

...E um dia de Primavera

Em que o Sol era mais quente,

A semente apareceu.

Era a mais linda entre todas

(Direita, na vertical)

Respirou profundamente,

Ondulou suavemente,

Sorriu e agradeceu.

Porto, 18 de Maio de 1974.

(Aos 10 anos de idade)

lll

Os outros filhos também quiseram colaborar
e então...

deixaram ficar aqui o coração,
a melhor e mais fecunda de todas as poesias!

OBRIGADO A TODOS.

AGORA QU'ESTES VERSOS MEUS JÁ LESTES,
PERDOAI TODO O TEMPO QUE PERDESTES.

VII

COISAS DO MEU DIÁRIO

INTIMIDADE

(No dia do pedido de casamento de minha
filha Maria de Fátima).

Meu caro Miguel

Acabaste de pedir a mão de minha filha, que o mesmo é pedir um pedaço do meu coração!

Nunca tiveste filhas, e não sabes o que representa de emotivo para um pai, um momento destes!

Dar a minha filha! Oferecer a única e grande fortuna que possuo, que são os meus queridos e adorados filhos!

Vi crescer a Nina em beleza moral e espiritual, até à sua formação total. Fiz um esforço épico, gigantesco, que só eu sei, perdendo energias e acumulando canseiras, para tornar os meus filhos úteis à sociedade e a Deus. Perdi cabelos e embranqueci os que me restam, para lhes dar uma educação compatível com as exigências do momento, e tudo isto para no final de contas começar a distribuí-los, oferecendo-os aos outros!

Como é caprichosa e estranha a Vida!

Nesta linguagem do espírito, quem dá sente a sensação igual à de quem recebe. Por isso eu creio que vives hoje os mesmos sentimentos e as

mesmas emoções que me torturam a alma, pois a felicidade também atormenta.

Vai constituir-se mais um agregado familiar. É a primeira grande responsabilidade que o meu futuro genro vai empreender, muito maior de todas quantas tem tido e vencido. Esta é a grande empresa moral que só os homens formados em sólido carácter as podem realizar inteiramente e a contento. E eu e tu, e a minha mulher e a tua, são os únicos conselheiros, amigos e leais, sinceros e verdadeiros, que podem ajudar a construir, nos seus primeiros passos, a grande Nau da Família, com base na honra e na dignidade.

Assim o espero.



**A TODAS AS MULHERES QUE SÃO
MÃES PELA PRIMEIRA VEZ**

Uma « carta íntima » de minha filha Maria de Fátima, que guardo religiosamente como a mais doce recordação da minha vida.

CARTA ÍNTIMA

Parti alegremente atrás dum lindo sonho de amor. E vós, pai e mãe, embora sofrendo nada me dissestes.

Depois vieram os filhos. Eram pedacinhos de carne, tão pequeninos e tão frágeis, mas que para mim valiam um tesouro! E eu apertava-os contra o peito, sorria se os via sorrir e sentia-me a pessoa mais feliz do mundo!

Contudo para os ter eu chorei e sofri. Eram dores violentas que me cortavam a carne, era o máximo de todas as dores.

Mas vós, pai e mãe, vós que tivestes tantos filhos nada me revelastes.

Vi meu marido entrar no quarto com as feições tensas, ansioso, e tu mãe, e tu pai, passastes pelo mesmo sem nada me dizerdes.

Ao vosso lado eu nunca soube o que era sofrer.

Obrigada mãe, obrigado pai. Rogo a Deus que algum dia meus filhos me amem e agradeçam, como eu vos amo e agradeço, meus queridos Pais.

Porto, num dia de Inverno.

Nina

A FECHAR

SE CRÊS EM CRISTO LÊ SUA DOCTRINA
E SÊ NA TERRA UM BOM SAMARITANO.
PROCLAMA BEM ALTO A TUA FÊ,
PÕE DE PARTE QUALQUER RESPEITO HUMANO.

M E D I T A Ç Ã O

Não sou verdadeiramente o filho pródigo que volta a casa de seu Pai, porque eu nunca a abandonei. Serei, quando muito, o viajante espiritual que depois duma ausência da grande família curista, regressa finalmente às reuniões e ao seio amigo dos seus irmãos em Cristo.

Julgo bem que esta viagem, que parecia não ter fim, chegou ao seu termo. Que Deus me dê forças para eu ficar de vez neste porto de abrigo, com a protecção do Senhor e dos homens. Eu farei por isso. Assim eu tenha a Sua ajuda e a vossa.

ÍNDICE

	Páginas
Explicação	5
Apresentação	11
Abertura	13
Sonetos	39
Quadras Soltas	71
Confidências	105
Poemas	115
Colaboração	129
Coisas do meu Diário	143
A fechar	153

lll

EM PREPARAÇÃO

Coisas do meu Diário (PROSA)

da Cidade. (Cruzes).

Presidente das Festas de S. Cristóvão.

Fundador do Jornal humorístico
«A Resposta».

Presidente da Junta de Freguesia
de Barcelos.

Presidente do Grémio do Comércio
do Concelho de Barcelos.

Secretário da «Casa dos Rapazes».

Delegado de Vigilância do Tribu-
nal de Menores.

Director do Grupo Arqueológico «Al-
caides de Faria».

Mesário da Santa Casa da Miseri-
córdia de Barcelos.

Vice-provedor da Real Irmandade do
Bom Jesus da Cruz.

Vogal da Comissão Municipal de
Trânsito.

Fundador do Grupo Musical Miguel
Ângelo.

Vogal da Procissão do Senhor dos
Passos.

Colaborador em vários jornais
e revistas.

. . . e se isto constituir exemplo para os meus filhos, pela perseverança de quem a despeito do trabalho árduo do dia-a-dia ainda conseguiu algum espaço livre para recreação do espírito, então

VAL

biblioteca
municipal
barcelos



27050

Horas de recreio espiritual